

**ENCONTRO NA AVENIDA PROFESSOR LÚCIO  
MARTINS RODRIGUES, 443  
AUDITÓRIO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO,  
CIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL  
LATITUDE: 23°33' SUL, LONGITUDE: 46°43' OESTE  
DIA 26 DE JULHO DE 2016, 10H25  
(HORÁRIO DE BRASÍLIA)  
LUA 59,5% ILUMINADA**

***ENCOUNTER AT PROFESSOR LÚCIO MARTINS RODRIGUES AVENUE, 443  
AUDITORIUM OF THE COMMUNICATION AND ARTS' SCHOOL  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO CITY, BRAZIL LATITUDE:  
23°33' SOUTH, LONGITUDE: 46°43' WEST JULY 26, 2016, AT 10:25 A.M.  
(BRASÍLIA TIME) MOON 59,5% ILLUMINATED***

***ENCUENTRO EN LA AVENIDA PROFESOR LÚCIO MARTINS RODRIGUES, 443  
AUDITORIO DE LA ESCUELA DE COMUNICACIÓN Y ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, CIUDAD DE SÃO PAULO, BRASIL  
LATITUD: 23°33' SUR, LONGITUD: 46°43' OESTE  
DÍA 26 DE JULIO DE 2016, 10:25H (HORARIO DE BRASÍLIA)  
LUNA 59,5% ILUMINADA***

## **Eleonora Fabião**

### **Eleonora Fabião**

Performer e teórica da performance. Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena e da Graduação em Direção Teatral, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nova Iorque, 15 de novembro de 2016.

Querida leitora, querido leitor –

Em maio deste ano fui convidada para palestrar na abertura do Seminário de Pesquisas em Andamento (SPA), evento organizado pelos alunos da pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo. Aceitei com prazer e agradei a honra de abrir o evento com as professoras Marila Velloso e Beth Lopes. Considero esse um dos convites mais significativos que uma professora pode receber: um convite feito por alunos para participar de um evento organizado por alunos e voltado para estudantes de pós-graduação em artes de todo o Brasil.

Já no primeiro e-mail o tema geral foi indicado: “Em tempos de convulsão social: a pesquisa como forma de atuação política e a arte como intervenção estética.” O foco do SPA 2016 seria, pois, as relações estética-política, teoria-prática, academia-sociedade-cidade, artista-pesquisador, pesquisador-artista. Respondi propondo o seguinte recorte: apresentaria ações que venho realizando em ruas de centros urbanos desde 2008 e refletiria sobre conceitos que energizam o trabalho; discutiria temas como *corpo performativo*, *programa performativo*, *intimidade pública*, *ética do estranho*, *estética da precariedade*, *filosofia do encontro*, *amizade política*, *performance* e *transvaloração*.

A fala aconteceu no dia 26 de julho pela manhã. Acordei às 5h, peguei um avião no Rio de Janeiro às 7h, cheguei a São Paulo às 8h e à USP às 9h. O dia estava fresco. Me buscaram de carro no aeroporto e fizemos um caminho estratégico para escapar do trânsito. Durante o percurso conversamos pormenorizadamente sobre a greve na USP. Estacionamos em frente ao auditório da ECA na Avenida Professor Lúcio Martins Rodrigues. Entramos no prédio e organizamos a mesa, o microfone, o projetor. O ambiente estava ótimo. Foram três falas para uma plateia cheia, atenta e vibrante e, no final, uma conversa coletiva.

Naquele mesmo dia, os editores da *Revista Aspas* me pediram para publicar a fala. Expliquei que as imagens projetadas eram fundamentais e eram muitas (muitas mesmo, 128 para ser exata); que o texto havia sido escrito para ser lido em voz alta; que muita coisa era gesto; que muito da coisa era gesto; que no fazer dos sentidos a movimentação no espaço era tão importante quanto a fala; que quem apenas lesse as palavras não saberia o que havia sido feito com o copo d'água; não saberia que, finalizada a leitura de cada página do texto, a folha de papel saía da minha mão e ia para o espaço; que uma delas foi enfiada pela fresta da porta para fora do auditório, mas o vento a devolveu para dentro; que rimos disso; que as articulações teóricas estavam extremamente enxutas por conta do tempo disponível para a palestra; que um futuro artigo seria escrito a partir das notas e, aí sim, poderíamos publicá-lo. Eles lamentaram a resposta, mas entenderam o argumento.

Entretanto, passado um par de dias me ocorreu um pensamento: e se publicássemos como texto o vídeo da fala? Publicaríamos um vídeo como texto em uma revista eletrônica. Gestos, movimentos, imagens, vazios, presenças, espaço, estariam pois inscritos em pixel. Comecei a achar a ideia interessante e escrevi perguntando se havia um vídeo da palestra. Humberto Issao, um dos editores da *Aspas*, respondeu: “Acreditávamos que tínhamos o material gravado mas o responsável por isso me informou há poucos dias que o material foi perdido – só havia uma versão, que não temos mais. Temos, e encaminho, uma versão em áudio que conseguimos gravar e que está razoável, mas apenas isso. O começo da gravação se inicia cerca de 5 minutos após o início da sua comunicação.”

De fato, escutei o áudio e este começa já passado certo tempo depois do início da fala. Porém, a palestra transformada numa espécie de programa radiofônico com público ao vivo, a descrição verbal das ações justamente combinada com a ausência de imagens, o permanente convite à imaginação que aquela gravação caseira (registro realizado por alguém na plateia) faz ao ouvinte, e mais as pausas, os ruídos, os repetidos clicks de uma máquina fotográfica posicionada bem ao lado do microfone, a estranheza toda, enfim, achei aquela gravação um modo interessante e condizente de refletir sobre arte de ação, sobre performance, sobre a performance e suas tortuosidades, sobre documentação de performance, sobre derivação de performance, so-

bre a potência da precariedade e a prismática do instante. Me pareceu bonito. Bonito porque adequado. Adequado, ou seja, acertado, conveniente, capaz. Afinal, quanto mais evidenciarmos os recursos representacionais, menos ilusionista será o resultado. E também menos pretensioso, já que não se pretenderá ser aquilo que não se é. Se reconhecermos e afirmarmos o aparato representacional e o fator-representação, nos afastaremos da falácia de que seja possível preservar, repetir ou reproduzir ações. Fato é que havia naquele material, inesperadamente, uma potência performativa: a “peça radiofônica”, afastada de qualquer pretensão reprodutiva, agia performativamente. Havia ali agenciamento performativo e não tentativa canhestra de repetição. Havia ali paradoxo: um acontecimento sonoro passado-presente e, desde antes, futuro; um incompleto por completo; uma ausência por inteiro; um compreensível também incompreensível; uma sombra de luz. A magia da técnica, mas bem *low-tech*. Algo para se ouvir com ou sem *headphones*; no telefone, no computador ou numa caixa de som; na cama, no ônibus ou na praça; com alguém, alguéms ou consigo; no domingo, na terça, num dia nublado de fevereiro ou numa manhã qualquer e logo cedo; com uma tartaruga no colo, um filho na barriga ou o avô roncando no sofá da sala. Algo que se dá no encontro entre voz gravada e ouvido, entre aparelho eletroeletrônico e orelha, entre ondas sonoras e ondas cerebrais. Pororocas e correntezas. Um encontro entre atos – atos de fala e atos de escuta. E assim, na alquimia do encontro, falantes criarão ouvintes e ouvintes criarão falantes. Falas criarão escutas. Escutas criarão falas. Escutas e falas criarão orelhas. Orelhas criarão cabeças. Cabeças criarão pés. E caminhos. E assim por diante. E assim daremos prosseguimento à movida performativa. Assim daremos sequência ao caminho aberto lá no SPA da USP, no auditório da ECA. Assim daremos passagem a desejos que palavras possam abrir. E daremos palavras a desejos para que mais passagens se abram.

Bom, eu escutei assim. Veja lá o que você acha. Fiquei um bocado confusa ouvindo a minha própria voz, mas esse sufoco você não vai passar. Caso te aborreça, sugiro pular direto para as “7 notas” no final da gravação – ir direto para o minuto 39 com 49 segundos. A partir dali você escutará objetivamente sobre: “1. ação;” “2. programa;” “3. cometer performances;” “4. amizade política;” “5. estranhos e estranheza” e “6. valor, valores, valoração.” A sétima



nota chamava-se “conversa coletiva” e só aconteceu no final do encontro. Assim sendo, não consta nessa gravação.

Quanto aos 5 minutos iniciais aos quais se refere Humberto Issao, talvez seja mesmo melhor tê-los perdido. Te conto. Eram números, muitos números, contagens. O número de dias desde que havia começado o julgamento do impeachment da presidente Dilma Rousseff; o número de dias desde que Donald Trump havia sido eleito o candidato republicano na disputa pela presidência dos Estados Unidos; o número de mortos em vários ataques terroristas ocorridos em distintos países desde que o convite para participar do SPA me havia sido feito; o número de horas desde que o estudante da UFRJ – Diego Vieira Machado, 30 anos, negro, LGBT, aluno cotista – havia sido assassinado a pauladas no campus da Ilha do Fundão; também números relativos ao movimento #OcupaMinC no Rio de Janeiro. Números, números e mais números. Numerosos números. Quantificações de violências locais, nacionais, internacionais, planetárias. Era uma tentativa de contar para dar conta. Mas como contar? Como contar com números e como contar com palavras? Que momento histórico este, o nosso. Que momento de vida tão sem vida este, o nosso.

Todas essas contagens e contações faziam parte de um título longuíssimo, um título de duas páginas e meia (tenho gostado muito de escrever títulos muito longos). Mas, por algum motivo, a gravação não gravou, o registro não registrou e o acaso agiu seus quase-propósitos. Ok, então! Estamos na escuta, câmbio. Estamos na escuta e a primeira frase completa que aparece na gravação é uma pergunta. Diz assim: “Como agir propositiva e não reativamente?” Uma pergunta central na fala; talvez a questão mais importante articulada ali.

Faz tempo venho pensando sobre essa questão. Me parece que agir reativamente não é a melhor resposta se estivermos buscando mudanças efetivas de valores. Mudar valores é tarefa propositiva e não reativa. Explico: uma reação, por definição, é uma ação no sentido contrário àquela que a provocou. Assim sendo, opera sobretudo alterando a direção da força à qual reage, porém não sua qualidade, modo ou padrão. Trata-se de um revide, não de uma subversão; de uma vingança, não de uma promessa. Apenas uma insubordinação estratégica (não uma retaliação impulsiva) permitirá que novos

modos de ação sejam concebidos (mesmo concebíveis). Articulado de outra maneira: agir reativamente contra o que enfraquece, contra o que corrói, contra o que mata é atitude absolutamente legítima, claro, porém talvez não resulte suficientemente eficiente. Afinal, reagir a algo é reconhecer a existência desse algo, ao passo que superar uma lógica propondo outra lógica é ultrapassá-la, deslegitimá-la. A proposta é conceber escapes não escapistas, abrir linhas de fuga estratégicas; elaborar instrumentos de luta que possibilitem combater da maneira que interessa, de lutar subvertendo a lógica da violência. A proposta é operar mudanças de valores de modo propositivo, vitalista e experimental para que corpo e performance continuem sempre nascendo, um por meio do outro. A cada ação. De acordo com o alcance de cada ação. A cada encontro. Por meio de encontros.

Então segue aqui, caso você deseje se encontrar com este encontro, o link da palestra performance e radiofônica realizada no SPA do PPGAC ECA USP no dia 26 de julho de 2016:

<https://www.dropbox.com/s/2k5b6xjv1srui7/Eleonora%20Fabi%C3%A3o%20226-07-2016%20-%20VI%20SPA.wav?dl=0>.

Há também um livro – *Ações Eleonora Fabião* (Rio de Janeiro: Tamanduá Arte, 2015) – onde apresento parte das ações mencionadas na fala. Caso haja interesse, você encontrará informações sobre a publicação e uma lista de locais para onde exemplares foram enviados em <http://www.eleonorafabiao.com.br/>

Forte abraço,  
Eleonora.

Recebido em 09/11/2016  
Aprovado em 09/12/2016  
Publicado em 15/02/2017



# COMISION ORTUZAR

PROYECTO BICENTENARIO

CONTEXTO POLITICO 73-80

LA DICTADURA Y SU PROYECTO

CONTEXTO GUERRA FRIA



INTENCION REFUNDACION

VOLVER A UN CAUSE NORMAL

CAMBIAR EL MODELO DE DESARROLLO

EL NEO-LIBERALISMO NO HUBIERA ENTRADO SI NO MEDIANTE EL TERRORISMO de ESTADO.

EL ESTADO RENUNCIA A SU ROL PROTECCIONISTA Y LO ENTREGA A LA POLITICA PRIVADA

DISCURSO PIN-8 CHACARILLAS

PEGATEO CHICAGO + OPUS DEI

PARTIDOS POLITICOS

MAQUINARIAS MONOPOLICAS de PARTICIPACION CIUDADANA



EL FESTIVAL del LUCRO

CONSTITUCION (1980-2005-ACTUALIDAD)

INSTALA SISTEMA NEOLIBERAL

...TODO MUY BIEN PENSADITO... AMARRADITO...

PRIVATIZACION

PERDIDA de DERECHOS SOCIALES



ENDEUDAMIENTO



RESISTENCIAS HISTORICAS

¿La academia violenta a la comunidad?

¿PORQUE LA UNIVERSIDAD?

↳ Campo de disputa ↳ Vocación Didáctica

No Toda la comunidad ingresa a la UNIVERSIDAD

La Educacion SEGREGA SEGUN CLASES SOCIALES

LUCHA DE HEGEMONIAS

«Tenemos que conservar una o dos universidades publicas que parezca que son publicas, asi como para que no digan que arrasamos con la EDUCACION PUBLICA»

¿QUE QUIERE LA JUNTA?

LA C.O. CO-GOBIERNA?

ESTATUTO CONSTITUCIONAL PROVISIONAL

↳ LO PROPONE OVALLE, PERO LO NIEGAN.

\*C.O = COMISION ORTUZAR.

¿QUE LA C.O. REDACTE LA NUEVA CONSTITUCION, O QUE LEGITIME SU PROPIO PROCEDER EN TERMINOS JURIDICOS?

¿QUE LA C.O. SE DEMORE, PARA EXTENDER SU PROPIO TRABAJO Y ASI EL REGIMEN EXTIENDA SU GOBIERNO?

